

Identidade Missionária da Igreja

*e os desafios da
evangelização hoje*

Antonio de Lisboa Lustosa Lopes
Renan Pinheiro de Oliveira

Sumário

Introdução

A realização desta abordagem nasce da necessidade de compreender, de modo mais profundo e em diálogo com o tempo presente, o significado da missão como dimensão constitutiva da Igreja, bem como a forma pela qual essa identidade missionária é vivida no âmbito eclesial diante dos desafios do mundo contemporâneo. Ao se falar de missão, não raro prevalece uma compreensão reducionista, segundo a qual ela se limitaria à transposição de fronteiras geográficas para o anúncio do Evangelho. No entanto, a reflexão teológica permite reconhecer que a missão ultrapassa tal perspectiva, não podendo ser restringida a uma atividade apostólica *ad gentes*. Trata-se, antes, de uma realidade essencial e indissociável da própria natureza da Igreja, que existe para a missão. Ao perder essa consciência missionária, a Igreja corre o risco de fechar-se em si mesma, cedendo a formas de autorreferencialidade e deixando de cumprir sua vocação fundamental: revelar e comunicar Jesus Cristo ao mundo.

Um aspecto relevante dessa compreensão torna-se ainda mais claro quando se retorna às fontes da tradição cristã, movimento amplamente promovido pelo Concílio Vaticano II. Já no século II, Santo Irineu de Lião oferecia uma profunda reflexão ao afirmar que o Filho e o Espírito Santo são “as mãos do Pai”, por meio das quais Ele age no mundo. Tal imagem revela o dinamismo da ação divina e permite entrever que a missão tem sua origem no próprio seio da Trindade. O Filho torna-se missionário por meio da encarnação, enquanto o Espírito Santo atua por sua presença interior em cada batizado. Desse modo, ambos operam no mundo como as mãos missionárias do Pai, realizando a obra de santificação e salvação da humanidade. A Igreja, depositária dessa Revelação, torna presente essa ação salvífica e manifesta-se no mundo como sinal visível da missão divina.

No contexto contemporâneo, essa compreensão da natureza missionária da Igreja foi retomada com particular vigor no pontificado do Papa Francisco. Seu magistério enfatiza a necessidade de uma Igreja profundamente marcada pela missionariedade, enraizada no Evangelho e comprometida com o anúncio da salvação. Destaca-se, nesse sentido, o apelo a uma “Igreja em saída”, que não se limita à mera transmissão de conteúdos doutrinários, mas se concretiza, sobretudo, no testemunho da fé em Jesus Cristo e na atenção pastoral dirigida, de modo especial, aos pobres e aos mais fragilizados da sociedade.

Nessa perspectiva, pode-se reconhecer uma verdadeira inversão, poderíamos dizer, paradigmática, ao se assumir uma Igreja autenticamente missionária, comprometida com a vida em todas as suas dimensões e atenta à pessoa humana em suas fragilidades. Tal compreensão evidencia que o anúncio do Evangelho adquire força, sobretudo, a partir do testemunho e da proximidade humana.

Muito se deve a esse pontificado, que mostrou ao mundo, não apenas ao universo católico, que Cristo é fonte de unidade, amor, diálogo e paz. Assim, assumir a missão implica traduzir o Evangelho na vida concreta, com coragem para superar posturas excessivamente fechadas ou rígidas, que, por vezes, dificultam o encontro.

O compromisso missionário assumido no Batismo permite compreender que a missão não se restringe a grupos específicos nem constitui uma atividade secundária da vida eclesial. Trata-se, antes, de uma dimensão constitutiva da existência cristã. A missão da Igreja consiste, fundamentalmente, no anúncio de Jesus Cristo e na mediação da vida nova que brota do encontro com Ele. Desse modo, aqueles que fazem uma autêntica experiência com Cristo são chamados não apenas a segui-lo como discípulos, mas também a testemunhar esse encontro e a participar ativamente da comunicação do amor salvífico de Deus no mundo.

Todos os fiéis, em meio às adversidades do tempo e da história, são chamados a participar dessa dinâmica missionária, tornando-se, de certo modo, prolongamento das “mãos do Pai” na história. Assim, a ação missionária da Igreja manifesta a própria iniciativa divina de

comunicar o seu amor salvífico à humanidade, mediante a colaboração livre das pessoas com a ação divina.

Nesse contexto, o presente estudo busca compreender a essência missionária da Igreja por meio de uma revisão sistemática da literatura teológica, procurando superar concepções reducionistas que obscurecem a compreensão da missão eclesial. Para isso, consideram-se tanto os fundamentos teológicos da missão, particularmente em suas dimensões trinitária, cristológica e eclesiológica, quanto os desafios que a realidade contemporânea apresenta à ação evangelizadora da Igreja.

Essa síntese estrutura-se em três macro-seções, nas quais a temática é desenvolvida sob uma perspectiva teológica e interdisciplinar, recorrendo também a contribuições de outras áreas do conhecimento, especialmente na análise da realidade atual. Pretende-se, desse modo, oferecer um contributo à reflexão acerca da identidade missionária da Igreja, bem como favorecer a compreensão de que “também hoje é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor duma nova evangelização, para descobrir de novo a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fé” (Porta Fidei, n.7).

1.

A realidade do ser humano contemporâneo e a ação da Igreja

A natureza deste estudo é teológica; contudo, torna-se necessário iniciar a reflexão com um breve panorama da realidade contemporânea, uma vez que a ação da Igreja se desenvolve no interior da história e em constante relação com o contexto cultural no qual está inserida. Nesse horizonte, as transformações próprias da mentalidade pós-moderna exercem influência significativa tanto sobre a compreensão do fenômeno religioso quanto sobre o modo como a fé é vivida na sociedade. Assim, uma reflexão teológica que desconsidere o contexto histórico e cultural em que se desenrola a existência humana corre o risco de tornar-se excessivamente abstrata e, por conseguinte, desvinculada da realidade concreta.

Graças à teologia da encarnação, a Igreja é chamada a ser “perita em humanidade” (*Populorum Progressio*, n. 13), e em todos os desdobramentos que tocam a vida humana em relação ao Divino. Este primeiro capítulo apresenta alguns fatores que influenciam e afetam o comportamento humano, sobretudo no que diz respeito à forma de enxergar e viver a dimensão do sagrado. Nesse contexto cultural marcado por profundas transformações, a Igreja encontra novos desafios para propor o Evangelho. A sociedade contemporânea caracteriza-se por uma crescente pluralidade de expressões religiosas, bem como por processos de secularização que influenciam a forma como a fé é compreendida e vivida. Tal cenário não representa apenas uma dificuldade, mas também um espaço de diálogo e discernimento pastoral, no qual a Igreja é chamada a testemunhar o Evangelho em meio às diversas buscas espirituais presentes na cultura atual.